

## **A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO E A CRIAÇÃO DOS MUNDOS.** Carlos Eduardo Gimenez Ramos, Moacir Gigante. – História – História – Departamento de História – Faculdade de História, Direito e Serviço Social – Campus de Franca

O presente trabalho tem como objetivo convidar o leitor a fazer um exercício de raciocínio histórico sobre como as tendências e paradigmas foram se alterando ao longo dos séculos, de forma a apontar os rumos das perspectivas da ciência na atualidade.

Para tanto, utilizarei, como plano de fundo, uma discussão a respeito de duas teorias, a da evolução e a da criação.

Desde início dos anos de 1960 até os dias hoje, a visão criacionista como teoria científica vem ganhando cada vez mais espaço na mídia mundial. No Brasil o criacionismo como teoria alternativa ao evolucionismo de Darwin, vem sendo divulgada há algum tempo, sendo que em 1972 foi fundada a “Sociedade Criacionista Brasileira” a qual produzia uma revista chamada “Folha Criacionista” que publicava artigos com o objetivo de demonstrar as controvérsias da teoria evolucionista.

A teoria criacionista tem como base o livro “Gênesis” da Bíblia, onde calculam que a terra foi criada há alguns milênios e não há milhares de milhões de anos como é, ou era, ensinado nas escolas. Outro ponto é a criação do homem, o qual foi criado já com a aparência do homem moderno de modo que não passou pelo processo de evolução a partir de outras espécies de homínídeos. Além do homem, todos os seres vivos também foram criados. A partir disso conclui-se que Deus criou o mundo e todos os seres vivos como está escrito no Gênesis. Então, isso não é uma teoria científica é apenas uma visão de mundo a partir de uma visão religiosa, contudo, é uma visão de ciência nascida num momento em que a ciência era dominada pelo pensamento religioso e disseminada pelas hierarquias eclesiásticas.

Há algum tempo, pesquisadores de diversas áreas, entre as quais a bioquímica, vem defendendo a hipótese de que a evolução das espécies não é algo que ocorreu, ou ocorre, ao acaso e sim por conta de um planejamento, ação direta de um ser racional. Esta teoria é conhecida como *Intelligent Design Theory* (IDT). Apesar de defenderem o “planejamento inteligente”, esses cientistas não defendem que a Terra tenha apenas alguns milênios de existência, muito menos que Deus, pelo menos o referido na Bíblia, tenha alguma participação no processo evolutivo. De qualquer forma, a IDT é confundida com criacionismo, sendo até mesmo taxada de “criacionismo científico”. Essa confusão entre as teorias ocorre porque os criacionistas se utilizam dos resultados das pesquisas, dentro da IDT, para validar seus argumentos religiosos. Mesmo os criacionistas possuem um corpo de pesquisadores prontos para mostrar as falhas da teoria da evolução, e demonstram até mesmo através da química e da geologia as controvérsias quanto a medição da idade da Terra.

As descobertas da IDT e do criacionismo geraram diversos tipos de polêmicas, principalmente quando algumas escolas nos Estados Unidos resolveram adotar o criacionismo em sua grade no intuito de balancear o ensino, ou retirar o ensino da teoria da evolução de forma a não adotar nenhuma das teorias. Isso gerou diversos tipos de discussões, principalmente acerca do cientificismo.

O debate entre evolucionistas e criacionistas, foi visto como um debate entre ciência e religião, porém o que foi colocado em xeque foi o “pensar sobre ciência”. Este debate entre as teorias serviu, principalmente, para mostrar como muitos cientistas estão cegos por sua “fé” na ciência, tão cegos quanto afirmam estar os criacionistas por sua fé na religião. O fato é, que as duas teorias são exatamente isso, “teorias” e ambas não foram “absolutamente” comprovadas, não passando de um debate entre ideologias.

A cultura de uma sociedade influencia diretamente os rumos dos avanços científicos e tecnológicos bem como os das teorias científicas, e o contrário é válido da mesma forma. Isso mostra como uma “nova teoria científica” mostra a evidência de seus vínculos culturais e históricos. O simples fato de ocorrer essa luta entre o criacionismo e o evolucionismo evidencia o quão obsoleto está essa visão de mundo, obsoleto não no sentido de que foi ultrapassada pelo criacionismo, mas no sentido de que seus conceitos já não servem mais para entendermos a realidade.

Através de uma análise histórica será demonstrada como a visão judaico-cristã da criação foi perdendo força diante das novas descobertas científicas e da conseqüente mudança da mentalidade, cedendo lugar à teoria da evolução.

Antes de 1500 os homens mantinham uma relação de interdependência com a natureza, a estrutura científica dessa visão de mundo era orgânica e se assentava em duas autoridades, Aristóteles e a Igreja. A natureza na ciência medieval baseava-se na fé e na razão, e sua principal finalidade compreender o significado das coisas.

Nos séculos XVI e XVII, com os avanços revolucionários na física e na astronomia, houve uma mudança drástica na visão de mundo com as realizações de Copérnico, Galileu e Newton. A revolução científica se iniciou com Nicolau Copérnico, que rompeu com a visão geocêntrica de Ptolomeu e da Bíblia, e, após sua morte, com Galileu Galilei que mudou toda a opinião científica quando estabeleceu a hipótese de Copérnico como teoria científica válida. Ao mesmo tempo, na Inglaterra, Francis Bacon descrevia o método empírico da ciência, mudando, assim, profundamente a natureza e o objetivo da investigação científica. Antes o objetivo era a sabedoria, a compreensão da ordem natural e a vida em harmonia com ela. A partir de Bacon, o objetivo da ciência passou a ser aquele conhecimento que pode ser usado para dominar e controlar a natureza. Na mesma época temos Descartes com seu método analítico que consiste em decompor pensamentos e problemas em suas partes componentes e dispô-las numa ordem lógica. Tinha por finalidade apontar o caminho para se chegar a verdade.

A divisão cartesiana entre matéria e mente nos ensinou a conhecermos nós mesmos, como egos isolados existentes “dentro” de nossos corpos. Deu ao pensamento científico sua estrutura geral, a concepção da natureza como uma máquina perfeita, governada por leis matemáticas exatas, e, por fim, temos Isaac Newton cuja física forneceu uma consistente teoria matemática do mundo que permaneceu como sólido alicerce do pensamento científico até boa parte do século XX.

A partir de Newton o pensamento mecanicista se propagou de tal maneira entre as classes médias do século XVIII que a mesma lógica usada para entender os fenômenos físicos foi usada para resolver os problemas da sociedade, a figura dominante desse período foi John Locke, cujos escritos mais importantes foram publicados no fim do século XVII. Então, no século XIX, eis que surge uma nova tendência que suplantaria a imagem da máquina do mundo newtoniana e dominaria todo o pensamento científico até hoje. Foi a concepção do surgimento das espécies de Jean-Baptiste Lamarck, que foi o primeiro a romper com a concepção judaico-cristã e mais tarde com Charles Darwin que apresentou aos cientistas da época uma esmagadora massa de provas em favor da evolução biológica colocando o fenômeno acima de qualquer dúvida. Essas idéias constituíram toda a base intelectual para a formulação do pensamento evolucionista.

A partir da análise histórica é possível perceber que questões sobre a validade de uma teoria científica, são falsas para o pensar historicamente, sendo mais importante entender como a ciência, mais especificamente o pensar sobre ciência, exerce profunda influência no imaginário social e, assim, molda tal sociedade, ou seja, a ciência é mostrada como um instrumento de manipulação ideológica, que depende de relações sociais circunscritas em determinados momentos históricos.

### **Referências Bibliográficas**

BEHE, M. J. **A caixa preta de Darwin : o desafio da bioquímica à teoria da evolução**. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: J.Zhar, 1997, 300 p.

CAPRA, F. **O PONTO DE MUTAÇÃO**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1982, 452p.

DARWIN, C. R. **ORIGEM DAS ESPÉCIES**. Tradução de Eduardo Fonseca. São Paulo: Hemus, [1990?], 471p.

FEYERABEND, P. K. **Contra o método**. Tradução de Octanny S. da Mota, Leonidas Hegenberg. Rio de Janeiro: F.Alves, 1977, 487 p.

FRANCIS, B. **ENSAIOS.**

RENÉ, D. **DISCURSO DO MÉTODO.**

RENÉ, D. **MEDITACOES SOBRE FILOSOFIA PRIMEIRA.**

ROSSI, P. **Aciência e a filosofia dos modernos.** São Paulo: UNESP, 1992

KOYRÉ, A. **Estudos de história do pensamento filosófico.** Rio de Janeiro: Forense, 1991, 288p.

KOYRÉ, A. **Do mundo fechado ao universo infinito.** Rio de Janeiro: Forense, 1986, 280p.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas.** Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 1975, 262p.